

PROPOSTA DE LEITURA DO CONTO POPULAR *QUEM TE MATOU*: UMA PERSPECTIVA SEMIÓTICA

Wellington Gomes de Souza¹
Jaqueline de Jesus Bezerra²
Cícera Alves Agostinho de Sá³

RESUMO: A presente proposta é pautada na teoria Semiótica do texto e tem como objetivo promover uma prática de mediação leitora, tendo como público-alvo turmas de nono do ensino fundamental. Com base no enfoque teórico citado, o objetivo é apresentar um percurso gerativo para a significação do texto, partindo do nível de leitura superficial para o nível profundo, explorando os aspectos narrativo e discursivo de um conto de trancoso. Para fundamentar esta abordagem, buscou-se aporte, principalmente, em Barros (2005), que expõe questões acerca da teoria Semiótica do texto. Assim, serão expostas sugestões para o trabalho com leitura em sala de aula, a partir da consideração de aspectos sintáticos e semânticos, além da análise das trajetórias narrativa e discursiva do conto. Dessa forma, espera-se que a proposta apresentada faça-se viável para o trabalho em sala de aula e possibilite uma abordagem profícua do estudo do texto e da leitura, efetivando a compreensão e interpretação de modo exitoso.

Palavras-chave: Leitura, Conto, Semiótica.

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que o texto é o objeto de ensino central para o trabalho com Língua Portuguesa, precisamos discutir sobre os procedimentos que possam contribuir para a realização de atividades de leitura e de escrita, de forma que os estudantes obtenham aptidão para lidar com essas duas perspectivas textuais.

Limitando-nos aos aspectos atinentes à leitura, podemos dizer que há várias estratégias textuais que concorrem para que a abordemos de modo aprofundado e com vistas ao domínio pleno dos mecanismos de compreensão e interpretação dos gêneros textuais. Contudo, parece que as práticas de leitura ainda se assentam na decodificação/decifração do texto, sem irmos muito além das questões gramaticais.

Por isso, nosso objetivo é apresentar uma proposta de leitura de um conto de trancoso, centrada na teoria Semiótica do texto. De modo específico, apresentaremos os níveis de leitura que podem ser explorados, a partir da construção de um esquema narrativo.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: wellington83souza@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: linnebezerra@gmail.com

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ciceralvesdsa@gmail.com

Para fundamentar nossa abordagem, baseamo-nos, principalmente, em Barros (2005), que oferece subsídios sobre a análise semiótica do texto, além de outros autores que tratam de perspectivas referentes ao trabalho com leitura como Solé (1998) e Machado (2012).

Este trabalho consiste em uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada, pautada em levantamento bibliográfico e caracterizada como pesquisa-ação. Procedemos com a proposição de um percurso de leitura, tendo como objeto de análise o conto de trancoso *Quem te matou*, enunciado por uma professora da rede municipal de ensino de Assaré/CE. A partir da leitura do conto, exploramos os níveis de leitura com base na Semiótica.

Como resultados, podemos apontar a riqueza na produção de sentidos, proporcionada pelo aprofundamento da leitura em seus níveis semióticos e a consequente ampliação do olhar sobre as estruturas interna e externa do texto.

Portanto, defendemos a importância da realização de atividades de leitura nessa perspectiva, tendo em vista a necessidade de os alunos descobrirem novos caminhos para serem trilhados, em busca da compreensão aguçada dos textos que leem.

METODOLOGIA

O trabalho é pautado em uma abordagem qualitativa de natureza aplicada, tendo como base a transposição didática oriunda da realização de levantamento bibliográfico, além de ser uma pesquisa-ação. Adotamos como *corpus* para a pesquisa o conto popular *Quem te matou*, coletado de uma enunciativa que é professora de uma escola da rede municipal de ensino de Assaré/Ceará.

Procedemos com a leitura do conto, exposições sobre o gênero trabalhado e a exploração de questões relativas à compreensão e à interpretação do texto, na perspectiva de análise dos níveis da narrativa, bem como da construção de programas narrativos, conforme os sujeitos semióticos presentes na história e suas relações de adjuvância, oponência, entre outros aspectos inerentes à estrutura narrativa.

A seguir, apresentamos o conto objeto de nossa análise:

Quem te matou

Coletor: Wellington Gomes de Souza

Certo dia, um homem saindo da cidade andando a pé e junto a uma porteira, longe de habitações, deu de cara com uma caveira feia.

– Aí, meu Deus! Só pode ser a morte ou o pecado!

Levianamente, deu-lhe um ponta pé e caçou:

– Sai daqui, caveira feia! Quem te matou caveira?

Não foi o seu espanto, quando o instalar dos ossos muito brancos e lavados de chuva e esturricados ao sol a caveira respondeu:

– Foi a língua!

O pavor daquele homem saindo por ali a fora contando a toda cidade. Contou a toda a gente o que estava acontecendo.

O povo daquela cidade que ouvia ele contardizia:

– Não pode ser!

Ele disse:

– Foi sim! Eu vi! Eu juro que eu vi junto àquela porteira: uma caveira, falando.

– Isso é alucinação, meu amigo!

Ele respondeu:

– É verdade! Eu vi!

Alguns acreditavam, outros não. A notícia chegou ao palácio do rei e o rei mandou chamar o moço.

– Que história é essa, moço? Conte pra mim!

O moço contou tudo o que vinha acontecendo. O rei desencostou do trono e com o sacudido do nariz, falou ao moço:

– Eu vou lá vê isso! Sou curioso! Se for mentira sua e você me fizer de bobo, eu ti mando pendurar na primeira árvore que encontrar.

– Foi verdade majestade!

Houve um grande cortejo neste dia. O rei montando em seu cavalo branco seguiu a viaji. Adiante seguia o moço a pé com as mãos amarradas e chegou junto à porteira. Tudo parecia uma festa. Riam do moço. Caçavam dele. Todos se calaram ao ver a caveira maligna e feia.

O rei disse:

– Faça a pergunta para a caveira!

Ele olhou para a caveira e disse:

– Quem te matou caveira?

A caveira quieta estava quieta e quieta ficou.

O moço falou:

– Não sei!

– Não sei!

– Eu acho que eu falei baixo, seu rei. Eu vou gritar mais alto pra ela escutar.

Em voz alta, ele perguntou:

– Quem te matou caveira?

E ela não respondeu. A comitiva voltou sem animação para a cidade. O homem ficou pendurado lá naquela árvore aonde o rei tinha colocado. Ficou tudo em silêncio no campo. Não passava uma viva alma e aconteceu que tudo lá ficou escuro.

Aconteceu uma coisa extraordinária. A caveira que não parecia dotada de movimentos rolou, rolou um pouco sobre si mesma e veio aos pulos. Pulou, pulou até chegar à árvore onde estava o moço enforcado e ali, com o feio buraco de órbitas vazias virado para cima perguntou:

– Eu num ti falei que quem ti matou foi a língua?

DESENVOLVIMENTO

O trabalho com gêneros textuais requer a ativação de recursos diversos para que a tarefa de compreensão e produção de sentidos transponha o caráter superficial do texto, centrado no cotexto, por exemplo. Nesse sentido, várias são as estratégias voltadas para uma

abordagem que contemple os aspectos envolvidos no processo de leitura, caminhando por teorias que tratam do texto, sua produção e recepção.

Não obstante a necessidade de ampliação das visões sobre leitura em sala de aula, são comuns práticas voltadas exclusivamente para a sua escolarização. Nessa perspectiva, a leitura é trabalhada como uma mera atividade de decodificação do texto e de suas nuances no âmbito gramatical apenas. Dessa forma, temos o que Soares (2014) chama de dimensão individual do letramento, que se limita ao domínio do código linguístico. Para a autora, todavia, é necessário fomentarmos o desenvolvimento da dimensão social do letramento, de modo que os alunos tenham autonomia linguística para interagir nos diversos contextos comunicativos.

Apesar da importância dessa dimensão social, a perspectiva pedagogizante que predomina nas práticas escolares de leitura não leva em consideração, muitas vezes, o conhecimento enciclopédico dos discentes, isto é, sua leitura de mundo que permite a ampliação do olhar acerca dos textos escolares, se validada plenamente no chão da sala de aula.

Diante disso, é importante promover a leitura na perspectiva da interação, algo que pode ocorrer de maneira exitosa a partir da mediação leitora. Dessa forma, é de grande valia a criação de enquadres interativos que facilitem o processo de compreensão. Magalhães e Machado (2012) apresentam alguns aspectos necessários para o processamento da leitura. Para elas, estratégias como a contextualização subsidiam o olhar do aluno para o texto, tendo em vista que essa estratégia consiste em uma preparação prévia para que os alunos situem-se em relação ao tema do texto, gênero a ser lido, entre outros aspectos que antecipam a construção de sentidos.

Portanto, para além da decifração do texto, é necessário a construção de um processo interativo de leitura que considere outras instâncias sociais, também promotoras de conhecimento para os discentes. Em outras palavras, as leituras de mundo e de texto devem dialogar no processo de mediação que se quer exitoso para o trabalho com compreensão de textos em sala de aula.

Com base nesse dialogismo entre mundo social e mundo textual é que temos a possibilidade de construção de sentidos de acordo com os objetivos que se propõem para as leituras que os discentes realizam em contextos de aprendizagem e aquisição de habilidades inerentes à compreensão textual. Solé (1998) aponta para a importância dessa relação entre conhecimentos para a construção de sentidos do texto:

Assim, o leitor utiliza simultaneamente seu conhecimento do mundo e seu conhecimento do texto para construir uma interpretação sobre aquele. Do ponto de vista do ensino, as propostas baseadas nessa perspectiva ressaltam a necessidade de que os alunos aprendam a processar o texto e seus diferentes elementos, assim como as estratégias que tornarão possível sua compreensão. (SOLÉ, 1998, p. 24).

Reiteramos, com isso, a importância de uma abordagem de leitura baseada na mediação e na criação de enquadres interativos para a construção da proficiência leitora dos alunos. Isso se dá na relação entre professor e alunos e entre os próprios estudantes em contextos de discussão sobre os textos lidos. Assim podemos dizer que a mediação concorre para o processo interativo da leitura pois o “[...] mediador apoia o leitor iniciante auxiliando-o a mobilizar conhecimentos anteriores para desenvolver as habilidades específicas para aquela tarefa.” (FREITAS, 2012, p. 68).

Diante dessas considerações, parece clara a necessidade de encararmos a leitura como uma tarefa que vai além da decifração do código escrito, devendo constituir-se, em uma perspectiva didática, como uma construção processual de significados, conforme afirma Albuquerque (2006).

Com base nessas questões, adotamos como perspectiva de análise, e também como nortedoras para a construção de estratégias de leitura, as noções concernentes à teoria Semiótica do texto, conforme nos apresenta Barros (2005). Essa teoria, que tem o texto como objeto de estudo, explora-o tanto em seu aspecto significativo quanto em seu aspecto comunicativo, isto é, em seu âmbito interno e externo, respectivamente.

De acordo com a autora, a noção de texto postulada pela Semiótica está pautada na explicação sobre o que é dito em um texto, além da descrição do caminho utilizado para esse dizer. Para que isso ocorra, é concebido um plano de conteúdo que se denomina percurso gerativo, que se desdobra em níveis semântico, narrativo e discursivo, indo das questões mais simples até as mais complexas na construção de sentidos.

A fim de exemplificar esse níveis de modo simples, podemos nos valer do texto narrativo, que é o nosso objeto de análise. Assim, há, no tocante ao aspecto semântico, questões duais e dicotômicas que envolvem as relações estabelecidas entre as personagens, os quais são chamados de sujeitos semióticos. No que se refere ao nível narrativo, temos as ações desses sujeitos em função de um querer-fazer que objetiva a busca de um determinado desejo, a partir das ações desenvolvidas no decorrer do enredo. Em relação ao nível discursivo, podemos citar a figuração temática que se constrói, por meio do que é enunciado

no texto, ou seja, a concretização de um tema com base nas ideias do texto, em sua sintaxe narrativa.

Nesse contexto, há a criação de programas narrativos em que se constroem relações entre sujeitos semióticos, isto é, actantes narrativos que se manifestam no discurso. Segundo Barros (2005), os programas narrativos compõem o percurso narrativo que é traçado pelos sujeitos e concatenam as cenas enunciativas, bem como os objetos de valor que permeiam a performance desses actantes.

Para a autora em questão, há a criação de um esquema narrativo que obedece a uma hierarquia e situa o sujeito semiótico, basicamente, em três estágios: sujeito actante, sujeito do querer e do saber, sujeito de estado e do fazer. Nesse sentido, um sujeito semiótico de uma narrativa consiste em um actante, que almeja determinado objeto de valor no percurso narrativo e, a partir de suas ações, transforma-se em um sujeito de fazer e de estado, ocasionado por um determinado desfecho.

Nessa empreitada de construção do esquema narrativo, há as situações e personagens que contribuirão para o alcance dos objetos de determinado sujeito semiótico. A esses personagens, ou outros sujeitos semióticos, damos o nome de adjuvantes. Da mesma forma, há também as situações contrárias ao desejo do sujeito semiótico, as quais denominamos de oponência. Ao estabelecimento das relações de adjuvância, oponência, além das construções de querer-dizer, querer-fazer, que fazem parte do envoltório do esquema narrativo, chamamos, enfim, de tensão semiótica.

Por fim, temos a perspectiva semântica discursiva do texto que se desdobra em dois procedimentos: a tematização e a figuritização. O primeiro procedimento diz respeito à formulação de um determinado percurso temático, por meio da abstração de recursos oriundos da sintaxe narrativa. Já o segundo, refere-se à criação de ‘imagens de mundo’ a partir do discurso, algo que pode ser ancorado nos efeitos de realidade que o discurso promove e que são perceptíveis pelo enunciatário em um dado contexto comunicativo.

Em suma, podemos dizer que a proposição de atividades de leitura com base na Semiótica oferece muitos subsídios para a exploração de um texto narrativo e para o trabalho com compreensão e interpretação, levando em consideração os seus níveis sintático, semântico e discursivo. Por isso, apresentaremos uma proposta de trabalho com leitura que visa à exploração desses níveis, por entendermos que esse tipo de atividade pode ampliar o olhar para o texto e contribuir para a aquisição de habilidades de leitura. Nesse sentido, sugerimos algumas possibilidades de abordagem do texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de iniciarmos a leitura do conto, foi importante levantar com os alunos algumas questões relativas ao gênero. Dessa forma, fizemos perguntas do tipo: Vocês conhecem o gênero conto? O que é um conto popular? Vocês costumam ler contos? Conhecem contos populares ou alguém que conte histórias desse tipo?

Em relação à leitura em si, sugerimos que os alunos representassem os personagens e o narrador do conto; poderia ser feita, também, uma leitura paragrafada; a leitura coletiva; ou, ainda, uma leitura em que cada aluno lesse até um determinado ponto, com um colega dando sequência e assim por diante.

Após a leitura, conversarmos com os alunos sobre as ideias compreendidas no texto, identificamos os personagens, as partes do enredo do conto, entre outros elementos, como o tempo e espaço da narrativa.

Depois desse momento, explanamos junto aos alunos as características do texto como um conto de trancoso, que consiste em uma produção sem autoria e que diz respeito a histórias que são contadas oralmente e passadas de geração em geração, entre outros aspectos que pudessem ser abordados sobre este tipo de conto.

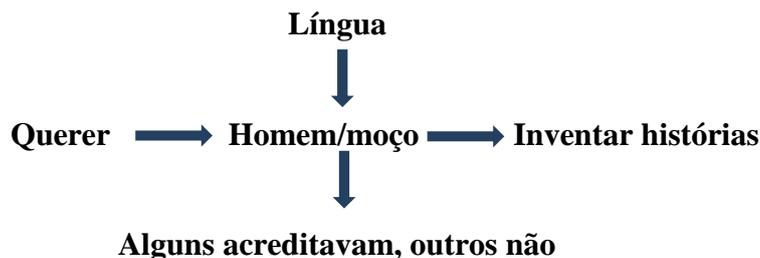
Terminado esse momento introdutório, partimos para a exploração da leitura na perspectiva semiótica. Apresentaremos, assim, idéias de abordagem e condução de leitura em caráter de sugestão. Com esse propósito, desenvolvemos três níveis de leitura, que seguem:

1º Nível de leitura – Exploração da narrativa

- Sugerimos, para este nível, iniciar o trabalho de análise da sintaxe narrativa e observação dos sujeitos semióticos presentes no conto (sujeitos do fazer e sujeitos do estado).
- Para o primeiro nível de leitura, nos deteremos em três sujeitos semióticos: o Homem/moço; A caveira; o Rei. Com isso, criaremos três programas narrativos.
- Sabemos que cada sujeito semiótico terá um objeto-valor, um adjuvante que o auxiliará nessa empreitada em busca de seu objeto-valor e um oponente, responsável por dificultar tal aquisição. Dessa forma, nesse primeiro nível de leitura, solicitar aos alunos a identificação de cada sujeito semiótico (personagens) os quais analisaremos. Discutir a função de cada um desses sujeitos na narrativa, bem como a relação entre eles.

➤ Abaixo, seguem os programas narrativos (PN) de cada um dos sujeitos semióticos citados, além de seus percursos narrativos:

PN1



Percurso narrativo 1

O sujeito semiótico um, como sujeito do fazer, tem como objeto-valor inventar histórias para o povo. O seu querer, portanto, era fazer as pessoas acreditarem nas suas histórias. Tinha como adjuvante a língua, instrumento para divulgar suas histórias e, como oponente, o fato de alguns acreditarem e outros não.

A sua performance será responsável pela sanção que ele sofrerá ao final do conto. É importante que os alunos percebam que as ações desse sujeito semiótico o levarão à morte. Dessa forma, sugerimos algumas situações de abordagem acerca do texto:

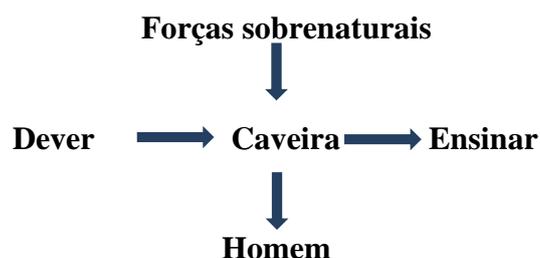
✓ Discutir com os alunos sobre as marcas textuais que indicam os aspectos relacionados ao percurso narrativo do sujeito semiótico um.

➤ Nesse caso, temos o querer do homem/moço, sujeito do fazer, marcado nos seguintes trechos: “– Foi sim! Eu vi! Eu juro que eu vi junto àquela porteira: uma caveira, falando.”; “– É verdade! Eu vi!”

➤ De acordo com o programa narrativo construído, podemos dizer que o caráter oponente em relação ao sujeito semiótico é marcado em “– Não pode ser!”; “– Isso é alucinação, meu amigo!”.

➤ Sugerimos, também, discutir com os alunos sobre a tentativa de convencimento do sujeito semiótico em relação à história contada por ele. Nisso, temos a manipulação por sedução, pois ele jura ter visto a caveira falando.

PN2



Percurso narrativo 2

O Sujeito semiótico dois tem como objeto-valor o ensinamento em relação a uma conduta inadequada. Dessa forma, procura apresentar uma lição de vida para o homem. Portanto, impelido por forças sobrenaturais, relata ao homem que chegou a este ponto, ou seja, a ser caveira, devido à sua língua. Assim, procura ensinar pelo próprio exemplo.

A performance do sujeito semiótico caveira, enquanto sujeito do fazer, é pautada pelo silêncio em dado momento (“A caveira quieta estava e quieta ficou.”). No fim, há a lição de moral, que pode ser percebida na fala final da caveira: “– Eu num ti falei que quem ti matou foi a língua?”. No caso do sujeito semiótico dois, é importante ressaltar o seu poder de manipulação em relação ao sujeito semiótico um. Por isso, sugerimos identificar com os alunos esse aspecto no conto.

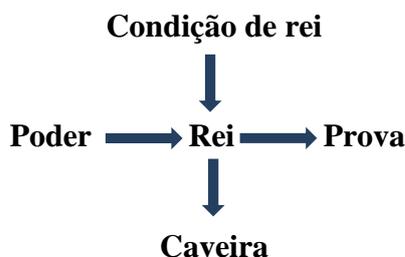
✓ **Analisar o papel temático do sujeito semiótico dois, de forma a perceber o desenrolar de sua conduta para o alcance do objeto-valor desejado.**

➤ Explorar com os alunos o significado da fala da caveira. No primeiro momento, ela diz que quem a matou foi a língua. Já no final do conto, a fala é voltada para o homem morto. Pautados nisso, podemos fazer a seguinte indagação: Qual é a relação existente entre o homem e a caveira?

➤ Deixar os alunos discorrerem sobre essa questão. Uma possível resposta para isso seria o fato de a caveira ser a própria consciência do homem/moço.

➤ Outro ponto a ser abordado em relação a esse sujeito semiótico diz respeito ao fato de a caveira ter ou não alcançado seu objeto-valor. Nessa abordagem, deixar os alunos livres para emitirem sua opinião.

PN3



Percurso narrativo 3

O sujeito semiótico três, nomeado de rei, tem como objeto-valor a prova do fato ocorrido e, em sua condição de rei, detendo o poder sobre o povo e sobre os acontecimentos do seu reino, exige em nome da ordem e da moral social uma prova do fato ocorrido, impelindo o moço a realizá-lo, sob pena de morte. Como o moço não consegue provar o fato, o rei manda matá-lo, como exemplo.

Esse sujeito semiótico tem como adjuvante sua condição de rei; seu oponente é a caveira, pois ele não consegue atingir o seu objeto-valor porque ela não fala, conforme havia anunciado o sujeito semiótico um.

Em seu percurso narrativo, o sujeito semiótico em questão convoca o moço, faz indagações, diz que vai até o local comprovar o fato, porque é curioso, e ameaça o moço. Em seu cavalo branco e acompanhado de sua comitiva, vai até o local. O silêncio da caveira nos apresenta uma sanção negativa para esse sujeito, pois o rei, em um dado momento diz que é curioso e queria ver a caveira falando, algo que não acontece. Assim, ele aplica uma sanção ao homem/moço.

✓ **Discutir com os alunos o papel do rei e as relações de poder na sociedade.**

✓ Em relação a esse sujeito semiótico, podemos direcionar uma discussão acerca das relações de poder entre os indivíduos da sociedade.

✓ É perceptível, também, que o sujeito semiótico rei, age com o poder da manipulação pautado na intimidação (“... Se for mentira sua e você me fizer de bobo, eu ti mando pendurar na primeira árvore que encontrar.”).

2º Nível de leitura – Exploração discursiva

Nesse nível de leitura, discutir com os alunos a relação existente entre os papéis temáticos exercidos por cada um dos sujeitos semióticos.

É importante mostrar aos alunos que a relação entre esses sujeitos semióticos contribuirá para o entendimento das sanções que cada um deles sofrerá, bem como nas suas funções de sujeito do estado e sujeito do fazer que cada um exerce na enunciação.

Dessa forma, no nível discursivo, podemos perceber o seguinte:

✓ Apresentam-se três sujeitos semióticos, que são nomeados homem/moço, caveira e rei. Os objetos de valor desses sujeitos são: inventar histórias, ensinar, provar algo, respectivamente.

✓ Temos como adjuvantes a língua para o sujeito semiótico um; forças sobrenaturais para o sujeito dois; e, para o terceiro sujeito semiótico, sua condição de rei.

✓ O sujeito semiótico um, que exerce o papel temático homem/moço, é o oponente do sujeito semiótico dois, nomeado caveira, pois ele interfere no dever fazer desse sujeito para alcançar seu objeto-valor. O sujeito semiótico dois, por sua vez, é oponente do sujeito semiótico três, visto que não produz a prova que este último queria (a fala da caveira)

✓ A partir da busca de seu objeto-valor, o sujeito semiótico um recebe uma sanção, que é a morte.

✓ O sujeito semiótico um utiliza-se da sedução como estratégia de manipulação.

✓ A partir da análise desses aspectos, podemos discutir com os alunos sobre as conquistas de cada sujeito semiótico. Com isso, é possível dizer que o homem/moço teve uma sanção negativa, pois foi morto por conta de sua mentira; o rei também teve uma sanção negativa, porque não obteve a prova que desejava; e, a caveira, teve uma sanção positiva, pois alcançou o seu objeto-valor, o que fica claro em sua última fala.

✓ Indagar os alunos sobre a intenção da história!

✓ Espera-se, depois de toda essa discussão, que eles entendam que o propósito comunicativo do conto está centrado na lição de moral, que foi passada pela caveira.

✓ Podemos solicitar aos alunos que caracterizem cada personagem analisado no conto. Assim, eles poderão dizer que o homem/moço tem como característica ser mentiroso; que o rei é caracterizado pelo poder; e a caveira tem como característica a sabedoria.

✓ **Depois de tratarmos das questões inerentes aos sujeitos semióticos e seus respectivos papéis temáticos, é importante explorar os aspectos que dizem respeito ao tempo e espaço da narrativa.**

✓ Nesse sentido, sugerimos a análise dos tempos linguístico e cronológico e dos espaços linguístico e geográfico do conto.

✓ Solicitar aos alunos que identifiquem as marcas textuais indicadoras desses tempos.

✓ **Algumas marcas de tempo linguístico:** *Aconteceu uma coisa extraordinária, aconteceu que tudo lá ficou escuro.*

✓ **Algumas marcas de tempo cronológico:** *certo dia, neste dia.*

➤ Solicitar aos alunos que identifiquem as marcas que indicam os espaços do conto.

✓ **Algumas marcas de espaço linguístico:** *daqui, ali, lá...*

✓ **Algumas marcas de espaço geográfico:** *Cidade, porteiro, palácio do rei...*

➤ Tratar com os alunos sobre a tematização presente no conto, mostrando no texto a figurativização que a caracteriza, conforme sugerimos abaixo:

✓ Nesse sentido, sugerimos a abordagem nas seguintes tematizações e suas respectivas figurativizações:

✓ **Tematização:** Abuso de poder (abuso de autoridade)

✓ **Figurativização:** Ameaça do rei ao moço (Se for mentira sua e você me fizer de bobo, eu ti mando pendurar na primeira árvore que encontrar.)

✓ **Tematização** – discutir com os alunos a presença do fantástico no conto. Qual é o evento fantástico que está presente no conto?

✓ **Figurativização** – a fala da caveira.

✓ **Tematização** – Morte.

✓ **Figurativização** - aconteceu que tudo lá ficou escuro.

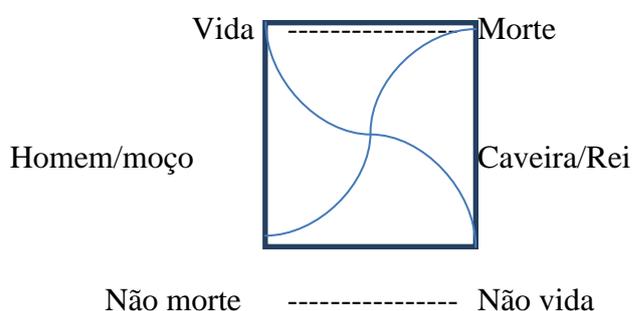
➤ Ressaltamos que podem ser criadas outras tematizações para serem exploradas, além daquelas que podem ser suscitadas pelos próprios alunos!

3º nível de leitura – Análise dos aspectos temáticos

➤ Discutir com os alunos sobre os aspectos antitéticos presentes no conto!

- Nesse sentido, explorar a relação entre o poder do rei e a submissão do moço; a relação entre a vida e a morte; entre a mentira e a verdade.
- A análise dessas dualidades nos permite a construção de percepções acerca da tensão semiótica presentes no texto. Dessa forma, podemos construir o seguinte quadro:

TENSÃO SEMIÓTICA



Ausência Semiótica

No conto explorado, a tensão semiótica inerente à dualidade vida e morte está centrada nas condutas do homem/moço e da dupla Caveira/Rei. Por exemplo, a relação entre vida e morte é condicionada pela performance da caveira. Se a caveira falasse no momento oportuno para o homem/moço, este sujeito semiótico teria a sua vida preservada. Como ela não falou, ele foi enforcado em uma árvore, a mando do rei.

Da mesma forma, a fala da caveira consistiria na aquisição do objeto-valor do sujeito semiótico nomeado rei, visto que ele queria comprovar se caveira realmente falava. O querer fazer do sujeito semiótico, nomeado homem/moço o fez ter uma sanção negativa, pois se ele não fosse mentiroso e não almejasse o objeto-valor inventar histórias, certamente não sofreria essa sanção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que há uma série de fatores que podem contribuir no direcionamento das situações de aprendizagem que são desenvolvidas no chão de sala de aula, no cotidiano escolar, principalmente no que diz respeito à leitura.

Por isso, gostaríamos de ressaltar que as sugestões aqui rascunhadas podem (e devem) ser melhoradas pelo poder de criação docente, adequando-as aos seus alunos, pois há, em nós, a limitação de vislumbrarmos situações de leitura inerentes aos nossos discentes, de acordo com a realidade linguística deles.

O que vislumbramos, aqui, na verdade, foi oferecer algumas ideias de trabalho com textos, sob a perspectiva da Semiótica, pois acreditamos que essa ciência pode contribuir no desenvolvimento de práticas mais eficazes de mediação leitora, explorando os diversos níveis de leitura possíveis.

Ressaltemos, assim, as várias possibilidades de leitura que podem ser desenvolvidas com base na Semiótica, para além de aspectos meramente formais que permeiam atividades dessa natureza, sem a exploração da riqueza presente em textos como o que analisamos neste trabalho.

Esperamos, dessa forma, ter contribuído de alguma forma para o trabalho de mediação leitora a ser realizado em sala de aula e que as sugestões oferecidas sejam vistas como norteadoras para um trabalho com leitura que almejamos eficaz.

Reiteramos que essa proposta não se esgota com a nossa pequenez de ideias. Assim, acreditamos que esse trabalho possa ser ampliado e ganhar novas roupagens, a fim de produzir os efeitos desejados para a aprendizagem dos discentes.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. B. C. de. **Mudanças didáticas e pedagógicas no ensino da Língua Portuguesa: apropriação de professores.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BARROS, D. L. P. **Teoria Semiótica do Texto.** São Paulo: Ática, 2005.

FREITASV. A. De L. **Mediação: estratégia facilitadora da compreensão leitora.** In: BORTONI-RICARDO, S. M *et al* (orgs.). *Leitura e mediação pedagógica.* São Paulo: Parábola, 2012.

MAGALHÃES, R.; MACHADO, V. R. **Leitura e interação no enquadre de protocolos verbais.** In: BORTONI-RICARDO, S. M *et al* (orgs.). *Leitura e mediação pedagógica.* São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

